

Com a Bíblia aberta.

Este é título de emissão na TV francesa aos domingos. Nela textos bíblicos são analisados por dois rabinos em diálogo, afim de revelarem significados implícitos que possam interessar os espectadores. A experiência é fascinante não apenas pelo seu conteúdo: por exemplo pela descoberta que a figura de José pode ser interpretada como modelo de um ministério de planejamento com vocação transcendente. 'E fascinante ainda mais pela sua forma: o diálogo enquanto método de conhecimento. Não que se trate de novidade: a literatura midràchica aplica o método dos dois rabinos televisionados há séculos, e, de maneira ligeiramente diferente, o método dialogico tem sido aplicado para alcançar conhecimento desde Platão até Galileu. Mas embora não se trate de novidade, trata-se de uma das experiências ora em curso que visam substituir o método discursivo do conhecimento por outro, antigo mas reprimido. As demais experiências em tal direção, como as inúmeras mesas redondas, "brain storms" e análises em grupo, visam, conciente- ou inconscientemente, renovar o método platônico do diálogo enquanto "provocação de ideias". Mas o programa TV que é o pretexto deste artigo visa renovar o método do midrach de descobrir significados não aparentes.

O fascínio que emana da tentativa tem duas causas. A primeira tem a ver com a falência do discurso em geral, e do científico em particular, enquanto método de conhecimento, e com a conseqüente necessidade do dialogo ser repensado. A segunda causa tem a ver com o que pode ser chamado "crise de significado". De maneira que o que os dois rabinos estão fazendo na TV interessa como alternativa aos discursos que jorram dos media durante o resto do dia, e como busca de significado em meio do acúmulo geométricamente progressivo de dados.

O discurso é cadeia de sentenças, na qual, idealmente, o predicado da sentença precedente passa a sujeito da subsequente. Exemplo: "cachorro é mamífero - mamífero é vertebrado". Este é o sentido da afirmativa que o discurso "progride". Mas via de regra discursos não são tão simples quanto o é o exemplo. O predicado da sentença precedente pode fragmentar-se ao formar sujeito da sentença seguinte. Por exemplo: "cachorro é mamífero - (1) mamíferos têm sangue quente - (2) mamíferos secretam leite". Este segundo exemplo mostra melhor que o primeiro como funciona a ciência: o discurso se fragmenta, ramifica, abre leque, e progride em todas as direções do leque. 'E a isto que se chama "especialização". 'E esta a famosa "estrutura em árvore" da ciência enquanto discurso. Os diversos ramos da ciência se afastam um do outro ao longo do discurso, mas podem vir a cruzar-se em lugares não previstos. Quanto mais se afastam os ramos, tanto mais tendem a "falar linguas diferentes", são codificados diferentemente: a física usa código matemático, a psicologia código igualmente especializado, embora menos exato. Os ramos do discurso não mais se entendem entre si, e o discurso como um todo não tem mais "receptor" que o entenda em sua totalidade.

Mas esta não é a única razão porque discursos estão falidos: por se tornarem incompreensíveis, ("insignificantes"), quando progredem. A outra razão é que discursos são métodos para predicar sujeitos, na esperança de predicarem tudo o que está contido no sujeito. Por exemplo: "cachorro é mamífero - cachorro é bravo - cachorro é preto". Tal esperança é vã quando se trata de sujeitos concretos, (das ditas "sentenças observacionais"), porque "concreto" significa precisamente "inesgotável". Posso predicar eternamente a respeito deste cachorro aqui, e jamais esgotarei seus predicados. O que o discurso faz, com efeito, é progredir a partir do concreto rumo ao progressivamente mais abstrato. Isto está inerente em sua estrutura: predicar é "teorizar" por ser ~~predicar~~ enunciar predicados, (classes). O discurso está atualmente falido, porque tornou-se formalmente e existencialmente obvio que está condenado a progredir rumo a generalidades, e a perder contacto com a realidade concreta.

Embora estas não sejam as únicas razões da crise da ciência e das demais disciplinas discursivas, (arte, política, jurisprudência etc.), são razões "estruturais", (como se diz atualmente). E não são formais, como se poderia pensar: são vivenciáveis. Se não posso compreender os enunciados da ciência a não ser que sejam "vulgarizados", (isto é: tornados falsos), e se ressinto a cosmovisão científica como abstração etérea da realidade concreta que vivo e sofro, então a ciência "não me diz nada", e o mesmo se aplica à arte de "vanguarda", à política teórica, à jurisprudência "douta". Embora continue a sofrer, indefeso, os efeitos que tais discursos têm sobre a minha vida quotidiana. Em suma: discursos estão falidos, porque ressentimos o quanto nos "alienam" da situação concreta que eles próprios manipulam. E "alienam" não apenas os seus receptores, (tornados impossíveis), mas igualmente os próprios discorrentes, (os especialistas).

O diálogo, pelo contrário, gira idealmente sempre em torno de sempre o mesmo sujeito. "Ilumina" o sujeito a partir dos pontos de vista dos seus participantes. 'E como se a gente colocasse o cachorro no centro de uma mesa redonda, e cada qual dos presentes enunciaria o seu ponto de vista a respeito do cachorro. Tais pontos de vista tenderão, ao longo do diálogo, a se tornarem acessíveis, cada qual, para todos os participantes. Duas coisas acontecerão, se o diálogo for bem sucedido. Surgiria um "consenso" quanto ao cachorro, e todo participante viria doravante o cachorro sob aspectos antes nem sequer suspeitados por ele. Falando fenomenologicamente: as várias intencionalidades dos participantes se tornariam intersubjetivas, e o cachorro revelaria a sua essência. Isto porque o diálogo não progride, como o faz o discurso, mas está obrigado, por sua estrutura mesma, a sempre voltar para o cachorro mesmo. Ou, como diz Husserl: "Zurueck zur Sache! Retornemos ao sujeito!".

Isto, por certo, não é descrição satisfatória do diálogo enquanto método de conhecimento. Mas basta para mostrar que conhecimento dialogi

co é inteiramente diferente de conhecimento discursivo. Em vez de ser conhecimento sempre mais objetivo e sempre mais geral, como o é o conhecimento discursivo, é conhecimento sempre mais intersubjetivo e sempre mais concreto. E "progredir" no diálogo não significa, como o faz no discurso, acumular sempre mais dados a respeito de um sujeito, mas penetrar o sujeito sempre mais profundamente. E tal descrição da diferença já sugere, porque atualmente o método dialogico está merecendo atenção em tantos campos: desde a filosofia até a psiquiatria, desde a linguística até a etnologia. Para nem falar nos campos da arte, da política, e da economia. Não que na avore do discurso científico não existam ilhas dialogicas, (nos laboratórios e nas revistas especializadas), e não que não existam discursos nos diálogos atualmente ensaiados. Mas a intenção é oposta: os diálogos dentro do discurso pretendem propeli-lo, e os discursos dentro do diálogo pretendem mantê-lo em giro.

A atitude dialogica é pois radicalmente diferente da discursiva. 'E contestação ativa da agressiva progressividade dos discursos, (científicos e outros), que inundam o ambiente. Mas é preciso distinguir entre dois tipos de diálogo, para captar-se o que está acontecendo. O primeiro tipo visa consenso quanto à "essencia", ao "ser assim" do sujeito dialogado, e o segundo visa consenso quanto ao "significado", ao "ser para mim" do sujeito. O primeiro tipo é de origem grega, platonica, e termos como "maieutica" e "aletheia", (trazer à luz e revelar), lhe dizem respeito. O segundo tipo é de origem judia, e dele tratará o resto deste artigo.

Quando se fala em "solidão do homem atual", é geralmente em falta de comunicação que se fala. Isto é besteira: jamais os meios de comunicação eram mais generalizados e mais acessíveis a todos quanto o são atualmente. A solidão atual se deve, não à falta de comunicação, mas à omnipresença de discursos que enchem o espaço e não permitem que diálogos se estabeleçam. Já que todo mundo é receptor dos mesmos discursos, não tem assunto para trocar dialogicamente com outrem: o outro já sabe tudo que sabemos, e tem uma entre as pouco numerosas opiniões possíveis e disponíveis a respeito. Todo diálogo é pois "redundante". A maioria silenciosa vive na solidão, porque é necessariamente silenciosa: não tem o que dizer ao outro nem o que ouvir do outro. Pois falta de diálogo é solidão, porque o diálogo é a única forma de comunicação pela qual reconhecemos o outro e sou por ele reconhecido. É reconhecimento de si proprio no outro, e do outro em mim, é o mesmo que consenso quanto ao significado do mundo dentro do qual vivemos, ambos. O diálogo é um método, (talvez o único método), pelo qual os homens dão significado ao mundo. E dizer que o homem atual vive na solidão por falta de diálogo é dizer que o homem atual vive em mundo absurdo isento de significado.

O que acaba de ser dito é formulação irreligiosa de uma das mensagens fundamentais da religião judia. O judaismo é dialogico em sentido não grego: dialoga, não para desvendar essências, mas para descobrir significados.

No entanto: a tradição judaica limita a atividade dialógica à interpretação de textos sagrados, e à interpretação das interpretações desses textos. A literatura judia é ilustração por assim dizer palpável da estrutura do diálogo: gira em círculos excêntricos sempre em torno de sempre o mesmo sujeito, (grêcho de texto), e ao fazê-lo torna o sujeito acessível a partir de numerosos pontos de vista, e aprofunda o seu significado. Quem contempla página do talmud, em cujo centro se encontra o trecho a ser dialogado, e em cujo redor se agrupam os comentários e comentários de comentários, vê gráficamente como diálogos giram. Pois tal literatura multiseccular, embora limitada aos textos da Bíblia, conseguiu tornar o mundo e a vida nele significativa para todos os que participam do diálogo interpretativo. Não é exagero dizer que o judaísmo é essencialmente tal diálogo em torno da Bíblia, tal busca de consenso quanto aos significados da mensagem bíblica, consenso que torna significativa a vida dos participantes

A limitação quanto ao assunto a ser dialogado, que o judaísmo se impõe, pode não ser ressentida pelos participantes. Cada qual, ao assumir seu ponto de vista específico, contribui ao diálogo com toda a carga intelectual e emotiva que adquiriu ao longo de sua vida, de modo que se pode dizer que o mundo inteiro, vivenciado e refletido pelos participantes do diálogo, vai sendo injetado pelas brechas do texto dialogado. A "interpretação" seria precisamente tal injeção de aspectos subjetivos do mundo inteiro para dentro do texto, afim que tais aspectos subjetivos se tornem inter-subjetivos, e afim que o significado do texto se aprofunde graças a isto. A literatura judia seria destarte movimento que injeta dialogicamente o mundo inteiro sob multiplas facetas para dentro da Bíblia, para depois recolher de tais textos significados válidos para o mundo inteiro.

No entanto: é permitido imaginar-se como seria literatura não limitada a textos bíblicos, mas tendo por assunto os fenomenos concretos que nos cercam, e que tenha a estrutura dialogico-interpretativa da literatura judia. Como seria literatura judia que passasse da Bíblia para o terreno atualmente ocupado pela ciência discursiva. Seria novo tipo de ciência, a saber: ciência dialogica e interpretativa. Pois isto é atualmente imaginável, embora apenas imaginável. É imaginável, porque a fenomenologia husserliana é, em certo sentido, abertura para que tal ciência se estabeleça. mas é apenas imaginável, porque é impossível prever-se as consequências que uma tal ciência radicalmente nova teria sobre a vida da humanidade futura.

O programa TV que é o pretexto deste artigo é fascinante porque provoca tais vôos da fantasia: A ciência atual é basicamente grega, tanto no seu aspecto dialogico quanto discursivo. A "verdade" que a ciência atual busca é o desvendamento, "aletheia". Ciência que seria basicamente judia buscaria outro tipo de "verdade": a da intersubjetividade que confere significados, ("sinngabend"). A "isenção de valores", (Wertfreiheit), que caracteriza a ciência atual, e que vai se revelando nefasta, (objetiva

ção do sujeito humano, manipulação tecnocrática do indivíduo e da sociedade etc.), seria substituída por ciência valorativa. A ciência deixaria de ser disciplina desumana, por eliminadora de juízos de valor, e passaria a ser atividade plenamente humana, por admitir todas as dimensões da existência, não apenas a epistemológica, mas também a ética e a estética. A distinção ideológica entre ciência, arte e política cairiam por terra, e a ciência assumiria suas responsabilidades éticas e estéticas, as incluiria no conhecimento que enuncia. E, obviamente, não seria apenas a ciência que estaria destarte transformada por reformulação dialógica, (judia), mas igualmente transformada seria a técnica dela decorrente. De manipulação éticamente neutra do mundo passaria a ser engajamento na tarefa de dar significados sempre mais ricos à vida da humanidade.

Tais vôos da fantasia são, pelo menos, muito prematuros. Mas não resta dúvida que, se há "missão judaica", esta não pode ser senão este tipo de fantasia, seguido de ensaios em direção de tais fantasias. No entanto: ensaios assim não podem ser empreendidos na solidão individual, se querem ser fieis à estrutura do judaísmo. Devem ser, necessariamente, convites a outros para que dialoguem a respeito. 'E com tal intenção, como convite a diálogo, que o presente artigo foi escrito.